

CPATC  
Com. Téc. 21/98



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
Av. Beira-Mar 3.250, CP 44, CEP 49001-970, Aracaju SE  
Fone (079) 217 1300 Fax (079) 231 9145 Telex 792318 EBPA  
E-mail postmaster@cpatc.embrapa.br

CPATC

# COMUNICADO TÉCNICO

Nº 21, CPATC, dezembro/98, p. 1-7

## CRESCIMENTO DO COQUEIRO JOVEM NO NOROESTE DE SÃO PAULO

Edson Eduardo Melo Passos<sup>1</sup>  
Marco Antônio Fonseca Conceição<sup>2</sup>  
João Dimas Garcia Maia<sup>3</sup>

Com o crescente consumo da água do coco nas regiões Centro Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, associado aos preços elevados pagos pelo coco verde, novos e numerosos plantios têm surgido nessas regiões não tradicionais com a cultura do coqueiro (*Cocos nucifera* L.).

Nessas regiões do interior do Brasil, quase no limite da faixa tropical e com altitudes às vezes elevadas, podem ocorrer baixas temperaturas que inibem o crescimento e a produção dessa planta. Segundo Frémond et al. (1975), temperaturas mínimas diárias inferiores a 15°C modificam a morfologia do coqueiro, além de reduzir o crescimento e provocar o abortamento de flores. No entanto, coqueiros cultivados no planalto paulista em altitudes em torno de 600 m em relação ao nível do mar têm apresentado desenvolvimento satisfatório, com produtividade superior a 70 frutos/planta/ano (Ferrari, 1994). Observações locais, confirmadas por este autor, mostram que a ocorrência de geadas pode provocar a morte de coqueiros jovens nos dois primeiros anos após o plantio; entretanto, essas geadas são muito raras no noroeste de São Paulo tendo em vista que as temperaturas mínimas diárias não atingem valores tão baixos como no restante do Estado.

A baixa umidade relativa do ar, associada às baixas temperaturas durante os meses de menor pluviometria, agravam o estresse hídrico no coqueiro, podendo esse estresse ser minimizado ou mesmo corrigido com a utilização de irrigação.

<sup>1</sup> Biólogo, M.Sc., Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira-Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.

<sup>2</sup> Eng. Civil, M.Sc., Embrapa Uva e Vinho/Estação Experimental de Jales, Caixa Postal 14, CEP 15700-000, Jales, SP.

<sup>3</sup> Eng.-Agr., M.Sc., Embrapa Uva e Vinho/Estação Experimental de Jales, Caixa Postal 14, CEP 15700-000, Jales, SP.



O objetivo do presente trabalho foi avaliar a influência do clima da região noroeste de São Paulo no desenvolvimento do coqueiro, durante os dois primeiros anos após o plantio.

Os coqueiros foram plantados na Estação Experimental do CNPUV/Embrapa, localizada no município de Jales-SP, na latitude de 20°S e altitude de 480m. Os dados climáticos desse município são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1**  
Temperaturas médias mensais do município de Jales-SP.

Temperatura* (°C)	Meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média das máximas	31,2	31,3	31,3	30,4	28,7	27,8	28,2	30,9	32,2	32,1	31,7	31,1
Média das mínimas	19,8	19,9	19,3	16,9	14,3	13,1	12,6	14,3	16,5	18,1	18,6	19,4
Média compensada	24,3	24,3	24,1	22,5	20,3	18,7	18,7	20,9	22,5	23,6	24,0	24,1

\*Média de 10 anos (1982 a 1991)

Fonte: Terra et al. (1993)

O solo da área experimental foi classificado como Podzólico Vermelho-Amarelo, franco arenoso, com 74% de areia, 18% de argila e 8% de silte.

As sementes foram procedentes do Banco Ativo de Germoplasma de Coco, localizado no município de Neópolis-SE e da Estação Experimental de Jiqui-RN, sendo as mudas produzidas em Jales.

Utilizou-se mudas dos seguintes genótipos: anão-verde-de-jiqui (AVeJ), anão-amarelo-de-gramame (AAG), anão-vermelho-de-gramame (AVG), híbrido de anão-verde-de-jiqui x gigante-do-brasil (HRN) e o gigante-do-brasil (GBR). No momento do plantio as mudas estavam com três a quatro folhas vivas, portanto no estágio de desenvolvimento em que ainda existem muitas reservas no endosperma, favorecendo seu crescimento inicial em campo.

Em março de 1996 foi efetuado o plantio em campo, sendo avaliado, trimestralmente, o crescimento da planta através do número de folhas vivas, emissão foliar, número de folíolos na folha 3 e circunferência do coleto.

As plantas foram irrigadas por microaspersão, repondo-se 40% da evaporação do Tanque Classe A, em duas irrigações por semana.

Nos dois primeiros anos após o plantio, os cinco genótipos avaliados apresentaram crescimento semelhante (Figs. 1, 2 e 3).

O anão-amarelo-de-gramame apresentou ligeira superioridade em relação aos demais genótipos com relação à emissão foliar (Fig. 2A), apresentando, também, maior número de folhas mortas (Fig. 2B), daí o seu número de folhas vivas ser semelhante aos demais genótipos durante todo o período experimental (Fig. 1).

O menor número de folíolos na folha 3 do GBR (Fig. 3A) deve-se às suas características morfológicas, com folíolos maiores e mais espessos que os anões, e não ao menor desenvolvimento da folha que, ao contrário, é mais vigorosa que nos anões, o que pode ser confirmado pela sua maior circunferência do coleto que supera também o HRN a partir de setembro de 1997, ou seja, 18 meses após o plantio (Fig. 3B).

No período de dezembro/96 a março/97, observou-se considerável aumento na emissão foliar de todos os genótipos em estudo (Fig. 2A), ocorrendo, também, aumento no número de folhas mortas (Fig. 2B), não se verificando diferença no ritmo de crescimento durante esse período, como pode ser observado pela evolução do número de folhas vivas (Fig. 1). É interessante observar que os genótipos que emitiram mais folhas foram também os que tiveram mais folhas mortas.

Ao final de dois anos os coqueiros apresentaram desenvolvimento semelhante aos obtidos por Passos et al. (1987), com o GBR cultivado em Areia Quartzosa Marinha nas condições litorâneas do Nordeste do Brasil e sem irrigação.

Desse modo, independente do genótipo utilizado, é possível obter um desenvolvimento satisfatório do coqueiro no noroeste de São Paulo, devendo-se para tanto fazer as necessárias correções de solo e incluir a irrigação nas práticas culturais.

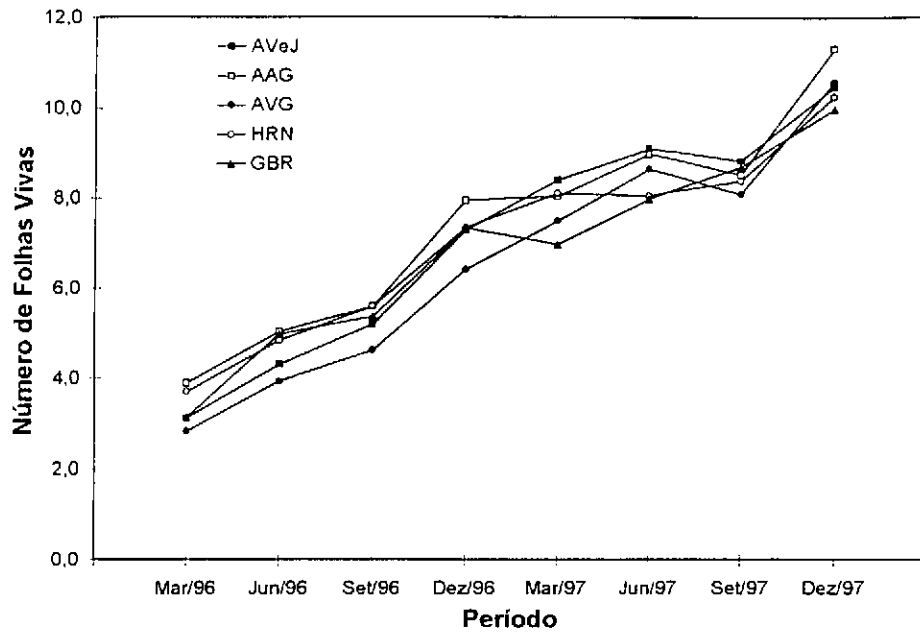


Fig. 1 - Número de folhas vivas do coqueiro nos dois primeiros anos após o plantio nas condições de Jales/SP.

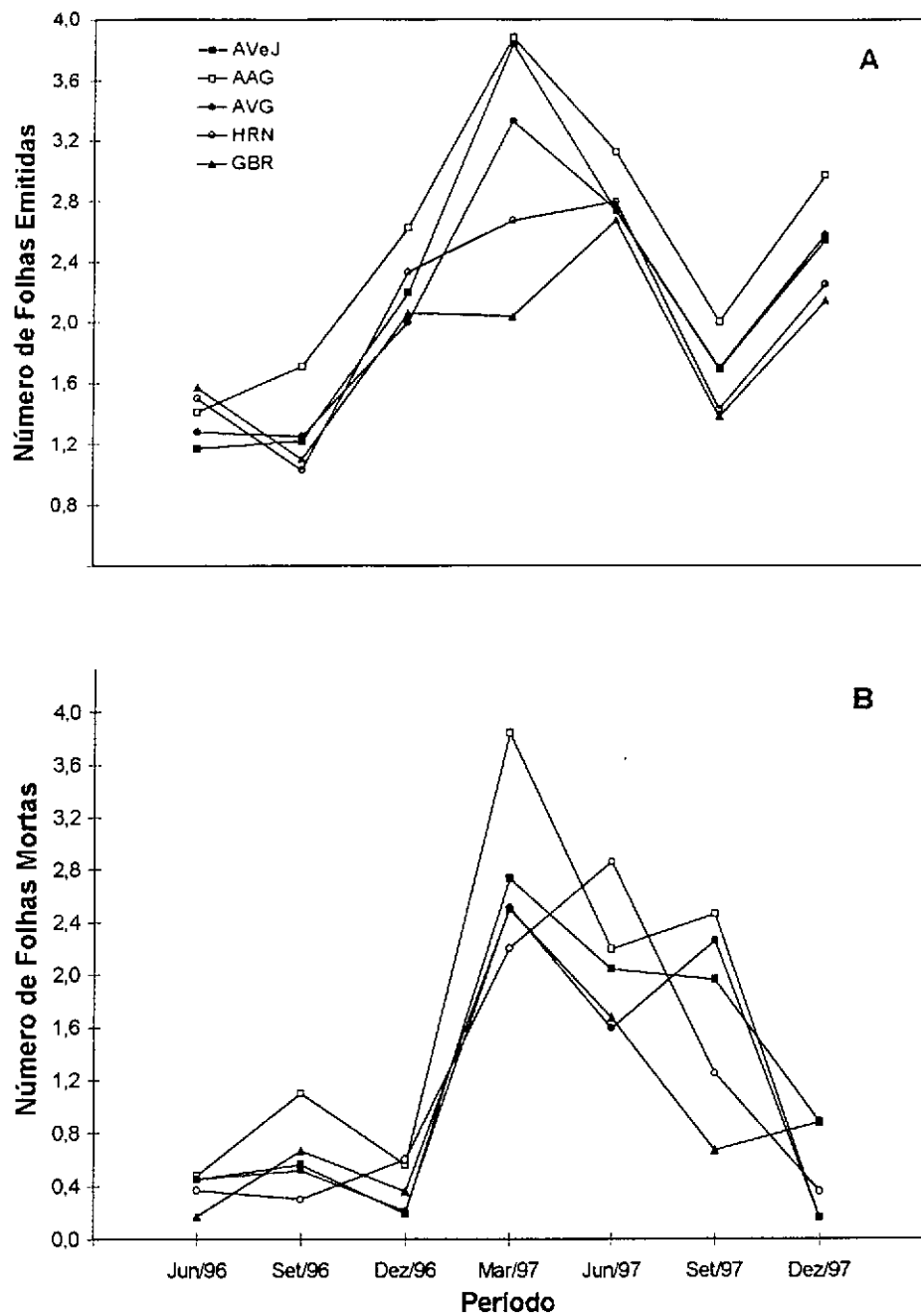


Fig. 2 - Número de folhas emitidas (A) e de folhas mortas (B) do coqueiro nos primeiros anos após o plantio nas condições de Jales/SP.

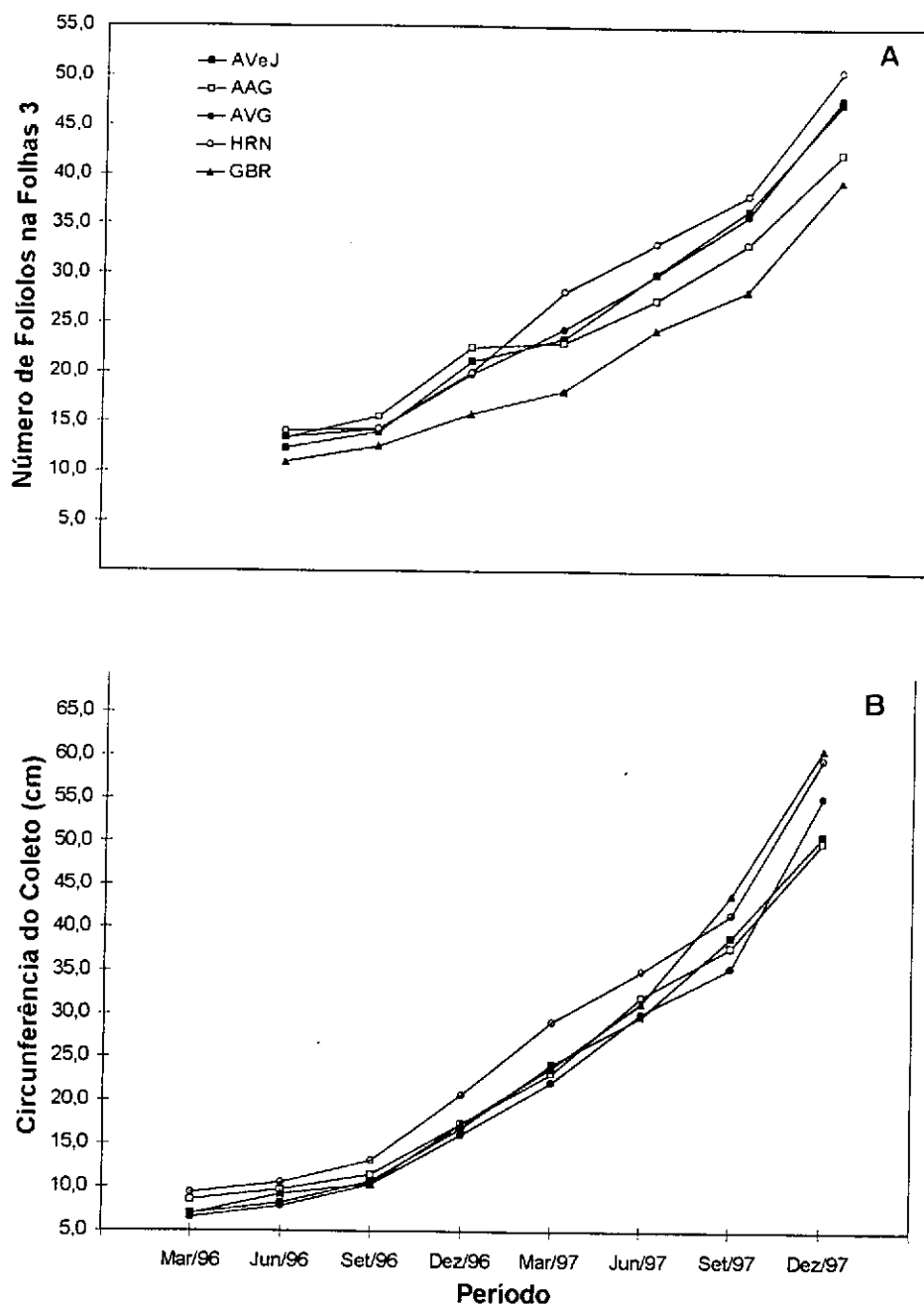


Fig. 3 - Número de folíolos na folha no3 (A) e circunferência do coleto (B) nos primeiros anos após o plantio nas condições de Jales/SP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRÉMOND, Y.; ZILLER, R.; NUCÉ DE LAMOTHE, M. **El cocotero: técnicas agrícolas y producciones tropicales**. Barcelona: Blume, 1975. 236p.
- FERRARI, E. **O coqueiro-da-baía no planalto paulista**. Campinas: CATI, 1994. 16p. (CATI. Boletim Técnico, 209).
- PASSOS, E.E.M.; SILVA JUNIOR, C.D. **Impacto sofrido pelo coqueiro após o plantio definitivo. II. Mudanças com quatro e sete meses de enviveiramento**. Aracaju: Embrapa, CPATC, 1987. 7p. (Embrapa-CPATC. Comunicado Técnico, 12).
- TERRA, M.M.; PIRES, E.J.P.; NOGUEIRA, M.A.M. **Tecnologia para produção de uva itálica na região noroeste do Estado de São Paulo**. Campinas: CATI, 1993. 51p. (CATI. Documento Técnico, 97).